

A FOTOGRAFIA SÃO-LUISENSE CONTEMPORÂNEA¹

The contemporary são-luisense photograph

FEITOSA, Márcia Miguel²; JUNIOR, José F.³; SOARES, FIGUEIREDO Maria Thereza G.⁴

Resumo

A fotografia maranhense, especificamente a são-luisense, tem se manifestado em produções diversas oriundas de diferentes aspectos estilísticos e propósitos. Observa-se que a produção fotográfica realizada em São Luís acompanha o fluxo contínuo de crescimento em nível geral, em decorrência da facilidade de acesso, redução de custo e compartilhamento da era digital. Para traçar um breve panorama da produção local, se faz necessário observar os eventos, prêmios, produções independentes dos fotógrafos e relacioná-los às plataformas de exposições utilizadas pelos autores. Com isso, visa-se apontar caminhos para estabelecer uma produção independente fotográfica a partir das recentes produções exibidas em espaços não-oficiais, sem vínculos institucionais.

Abstract

Maranhão photography, specifically São-Luisense, has been manifested in diverse productions originating from different stylistic aspects and purposes. It is observed that the photographic production carried out in São Luís follows the continuous flow of growth in general level, due to the ease of access, cost reduction and sharing of the digital era. To give a brief overview of local production, it is necessary to observe the events, prizes, independent productions of the photographers and relate them to the exhibition platforms used by the authors. With that, it aims to point out ways to establish an independent photographic production from the recent productions exhibited in unofficial spaces, without institutional ties.

Palavras-chave: *Fotografia São-Luisense; Fotografia de Rua; Movimentos fotográficos – São Luís.*

Keywords: *Photography Saint-Louis; Street photography; Photographic movements - São Luís.*

Data de submissão: Junho de 2017 | **Data de publicação:** Dezembro de 2017.

¹ Trabalho apresentado no I Encontro de Antropologia e Imagem da UFMA, realizado entre os dias 14 e 16 de dezembro de 2016, em São Luís, MA.

² MÁRCIA MIGUEL FEITOSA – Doutora em Literatura Portuguesa pela USP. Profa Associada nível IV da Universidade Federal do Maranhão. Pós-Doutora em Estudos Comparatistas na Universidade de Lisboa.

³ JOSÉ F. JUNIOR - Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). BRASIL. E-mail: jferr@uol.com.br.

⁴ MARIA THEREZA G. FIGUEIREDO - Fotógrafa. Cineasta formada em Comunicação Social – Cinema, pela UFF. É especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Senac. Estudou Imagem na *École Nationale Supérieure Louis Lumière* (Paris). Aluna do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFMA.

INTRODUÇÃO

O interesse em fotografia aumenta a cada dia, motivado pelos estímulos tanto dos *gadgets*⁵ quanto das redes sociais de compartilhamento de imagens, surgindo assim novos admiradores desta arte. Com a quase extinção dos caros processos analógicos, a fotografia emana em sua era digital que faz uso de inúmeras possibilidades de câmeras dos mais variados tipos e custos. Os *Smartphones* são instrumentos a favor da fotografia, com suas câmeras frontais para esta geração que é marcada pelas *selfies*⁶, além de aplicativos, os mais variados tipos de tratamento de imagens e os efeitos. Na era digital vale a máxima em que “somos todos fotógrafos”.

Um dos caminhos percorridos por aqueles que se aventuram na fotografia é o auxílio dos vídeos tutoriais compartilhados na internet. O fotógrafo iniciante pode optar tanto pela educação formal quanto pela informal, devido ao seu baixo custo. O trabalho final pode ser visto nas redes sociais de compartilhamento de imagens como o *Instagram*, replicadas pelo *Facebook* ou *Twitter*. O compartilhamento em rede reforça o aspecto democrático de feitura dessas imagens, irrestritos aos fotógrafos experientes e amadores. As plataformas de compartilhamento de fotos geram conteúdos em larga escala para consumo rápido, alimentadas pelos próprios usuários/ produtores/ consumidores, reforçando que a produção de fotografia não se restringe ao estritamente artístico-profissional.

No panorama da fotografia em São Luís, novos nomes surgem enquanto os antigos permanecem, mesclando esta teia produtiva de imagens. Para recortar este estudo, propõe-se enumerar alguns movimentos independentes em prol da fotografia. Faz-se necessário observar o fenômeno fotográfico existente na cidade, num recorte temporal atual, para elaborar um painel de recursos fotográficos de que se dispõe: quem atua neste campo, em qual segmento, qual o destino das obras e em quais meios.

⁵ *Gadgets* são entendidos como pequenos aparelhos, dispositivos (incluindo aplicativos) eletrônicos portáteis que auxiliam nas funções cotidianas, tais como aparelhos reprodutores de música em formato mp3, smartphones etc..

⁶ Autorretrato geralmente feito com câmera frontal do celular.

1. A CENA FOTOGRÁFICA DE SÃO LUÍS NOS ÚLTIMOS ANOS

Todo fotógrafo sente algum fascínio que o leva ao caminho das experimentações com a câmera. Boris Kossoy (2016, p. 55) assinala que é indispensável pensar o que tem por detrás das imagens que se vê - o mistério da trama da fotografia -. O autor também afirma que há uma necessidade de traduzir a construção da imagem identitária, entre as realidades e ficções. Não é possível estabelecer peremptoriamente um perfil único para a fotografia são-luisense, uma unidade imagética. O que se observa são produções fotográficas diversas, exposições, publicações de livros e compartilhamento de imagens em rede.

O caráter informal, presente de modo amplo no panorama das artes, também é atribuído à fotografia. A fotografia, como esclarece Milton Guran (2002, p. 15), é:

“(...) uma extensão da nossa capacidade de olhar e construir uma técnica de representação da realidade que, por seu rigor e particularismo, expressa-se mediante uma linguagem própria e inconfundível. Sendo a participação do autor (fotógrafo) balizada por uma técnica completamente vinculada às especialidades de uma determinada realidade, a foto resultante pode traduzir com bastante rigor a evidência dessa realidade”.

Para balizar este estudo, os dados aqui apurados foram observados por meio de pesquisa em motores de busca na internet, além de observação direta. O recorte se delimita com dois estudos de caso que tratam de intervenções urbanas realizadas na cidade de São Luís: os de autoria da fotógrafa Marília de Laroche e os organizados pelo movimento coletivo “Fotocupação – São Luís nas ruas”, liderados pelos fotógrafos Julyane Galvão e Ruy Barros.

Nomes consolidados no panorama local de publicações impressas marcam seus nomes na história da fotografia maranhense: Albani Ramos (“São Luís: alma e história”, “Brinquedos encantados”, entre outros), Márcio Vasconcelos (“Na trilha do Cangaço: o sertão que Lampião pisou”, “Visões de um Poema Sujo”, entre outros), Edgar Rocha (“Palácio dos Leões”, “Embarcações de Sentimento – Maranhão – Brasil”, entre outros), Meireles Junior (“Lume”, “Descobrimos Lençóis Maranhenses”, “Entre o céu e a terra – Maranhão, patrimônio de imagens”, “400 Anos Luz”), Veruska Oliveira (“Itaqui-Bacanga: um autorretrato”, “Terra de Palmeiras: as quebradeiras de coco babaçu do Estado do Maranhão”, e “Quilombolas do Maranhão: um retrato”), Brawny Meireles

(“Foto na lata – Maranhão”, “Nossa São Luís” e “São Luís: luz de versos”). São fotografos que representam uma pequena fatia dos profissionais da imagem que têm produzido, mas que reforçam o número de produções que estão acontecendo.

No que tange às exposições fotográficas em espaços museológicos, são realizadas em locais como a Galeria de Artes do SESC Deodoro, a Galeria Trapiche Santo Ângelo, a Casa de Nhozinho, o Museu de Artes Visuais, o Museu Histórico e Artístico do Maranhão, além de shopping centers e outros locais.

Dois marcos isolados merecem destaque no panorama mais recente das exposições realizadas. Uma é a abertura da galeria particular “Zona 5”, de propriedade de Albani Ramos, cuja exibição inaugural “Mostra Arcapress de fotografia documental” tratou-se da exposição coletiva dos fotógrafos de diferentes estados que fazem parte da agência Arcapress, dentre eles: Ramos, Guy Veloso, Marcelo Lima, Celso Oliveira, Ed Viggiani, José Bassit e Ricardo Teles. O segundo marco, cujo objetivo foi reunir fotógrafos atuantes no estado, tratou da mostra “Assinaturas de luz – Fotografia Contemporânea do Maranhão”, que contou com mais de 30 nomes de fotógrafos com longa trajetória em relação aos iniciantes no meio, porém não há calendário cultural, amostras e exposições específicas para a fotografia, tendo ela se inserido, anualmente, no Salão de Artes Visuais, promovido pela Prefeitura.

Uma iniciativa que promove exposições, passeios fotográficos, workshops e palestras é o Fotoclube Poesia do Olhar, atualmente presidido pelo fotógrafo Márcio Melo. Dentre as exposições já realizadas, somam-se “Diversão e Arte”, “Olhares em Preto e Branco” (com duas edições), “Mães de coração”, “Celugrafando – a poesia em imagens”, “Expokite”, “De olho no lance - Paixão pelo futebol”, além da exposição e lançamento de livro publicado com fotografias dos participantes do fotoclube “São Luís 400 – um recital de imagens”.

O entendimento da produção fotográfica em São Luís é entremeado por discursos, suportes e plataformas diversas, que exigem um olhar cauteloso individual para cada trabalho. Faz-se necessário observar, primeiramente, os recursos financeiros que possibilitam trabalhos de cunho mais artísticos e conceituais.

Os mecanismos de fomento para a produção fotográfica são pontuais, tanto em nível estadual quanto nacional, sem mencionar os prêmios propostos pelas iniciativas públicas e privadas, destinadas a este meio. Aponta-se, como fontes de fomento direto, o

edital anual de ocupação da Galeria de Arte do Sesc Deodoro, que fornece subsídio financeiro mínimo para produção e montagem de exibição; as premiações do Salão de Artes Visuais, realizado pela Galeria Trapiche Santo Ângelo; e os prêmios em nível nacional, vinculados ao Ministério da Cultura e outras instituições. A fotografia atual de São Luís tem forte caráter espontâneo. Não está submetida, em seu todo, diretamente a subsídios governamentais para sua realização e exibição.

Ao longo dos 15 anos de premiação da Funarte pelo edital Marc Ferrez, 3 prêmios foram para o Maranhão, sendo 2 para o fotógrafo Márcio Vasconcelos, que resultam nos trabalhos “Na trilha do Cangaço: o sertão que Lampião pisou” e “Visões de um Poema Sujo”, além do projeto da “Revista Insight Photo #3”, produzido por Layo Bulhão, que promoveu a distribuição da revista impressa contendo trabalhos de fotógrafos e textos de maranhenses, brasileiros e estrangeiros.

A fotografia atinge uma fase de produção profícua, observável pela utilização de comunidade on-line do Facebook. A exemplo do interesse constatado na geração atual dos amantes de fotografia, utiliza-se como dado colhido no grupo nomeado “Fotografia Maranhão” (grupo na rede social *Facebook*), cuja soma de 2.854 membros foi apurada em 01 de junho de 2015, e na data de 06 de julho do mesmo ano, 3.928 membros, um crescimento de 27,34%. Em 07 de novembro de 2016, foi aferida a participação de 6.650 membros, o que corresponde ao crescimento de 59,06% em pouco mais de um ano. Já o “Fotoclube Poesia do Olhar”, fundado em dezembro de 2009, tem, aproximadamente, 50 membros. O fotoclube realiza cursos, passeios, palestras, exposições e outras ações voltadas para a fotografia, sem periodicidade estabelecida.

Uma característica forte da cena fotográfica ludovicense atual é o uso dos locais públicos para exposição das imagens, sem intermediações institucionais, aumentando assim o limite de acesso à produção fotográfica.

2. FOTOGRAFIAS NAS RUAS

Os espaços destinados às artes variam em decorrência da própria historicidade da arte: das cavernas de Lascaux aos primeiros museus europeus, até o rompimento advindo com a arte moderna de Duchamp, hoje são estabelecidos espaços formais e não-formais para a arte.

Recorre-se ao conceito de arte ambiente para compreender como a arte busca, em outros lugares não tradicionais, novas relações. Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural, a arte ambiente não tem vínculos com movimentos artísticos específicos (tendo perpassado alguns deles), mas é relacionada à arte contemporânea e a sua dinâmica com o espaço físico da cidade, numa busca de experimentações de uso de áreas, sejam elas públicas ou privadas: áreas verdes, galerias, ruas, museus etc. A exemplo do que é a proposta do *land art*, as obras são projetadas para um local específico. A obra nasce a partir do local, e não o inverso. É o lugar que faz a obra. São processos em que a obra muda o meio e o meio muda a obra. Portanto, a alternativa para os espaços institucionais se mostra de diversas formas para diferentes tipos de propostas.

A capital maranhense recebeu o tombamento em 1974 pelo seu rico conjunto arquitetônico, preservado em sua malha urbana original, de alto valor histórico. Posteriormente, a cidade recebeu, em 1997, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o título de Patrimônio Mundial, segundo informações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

A atual situação do Centro Histórico de São Luís revela-se em abandono e falta de investimentos em projetos de revitalização, conservação e preservação dos imóveis e logradouros. O núcleo fundacional da cidade que abrange o bairro da Praia Grande é a área de regulamentação do IPHAN. As áreas de responsabilidade dos órgãos estadual - Superintendência do Patrimônio Cultural e municipal - Fundação Municipal de Patrimônio, compreendem a áreas mais amplas, que incluem bairros como Diamante, Lira, Belira, Madre Deus, Desterro, entre outros.

O abandono do Centro Histórico é sentido pela população da cidade, a exemplo do imóvel tombado que abrigou a Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA), extinta em 2007, que teve sua última ocupação pelos órgãos da Segurança Pública do Estado. Em seguida passou por um processo de desocupação e hoje se encontra integralmente vedado. Em 2013, o imóvel estava incluso no projeto de revitalização do programa PAC das Cidades Históricas, com orçamento previsto em 5,5 milhões de reais, cuja conclusão e retorno do imóvel para uso seria em 2015.

O governo do Estado tem promovido a intervenção na requalificação das praças da Praia Grande, tais como a Nauro Machado, a Valdelino Cécio e a Faustina, sendo essas duas últimas ainda em reforma, sem previsão de data de entrega.

Observa-se a cidade enquanto local aberto para exposições. As ruas de São Luís têm sido utilizadas pelos artistas de diversos segmentos como local de democratização de acesso à arte e, ao mesmo tempo, uso do espaço-comum da cidade. Pelo acesso livre e gratuito, a rua se mostra como local de opção para artistas que escolhem não utilizar os espaços institucionais para realização de seus eventos.

Outro termo que deve ser mencionado é a intervenção urbana, aqui compreendida enquanto intervenção artística e não arquitetônica, que visa sobretudo modificar os locais internos ou externos da cidade, no intuito de promover ações de transformação no ambiente urbano. Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural:

“Os projetos de intervenção são um dos caminhos explorados por um universo bastante diverso de artistas interessados em se aproximar da vida cotidiana, se inserir no tecido social, abrir novas frentes de atuação e visibilidade para os trabalhos de arte fora dos espaços consagrados de atuação, torná-la mais acessível ao público e desestabilizadora e menos mercantilizada e musealizada⁷”.

O trabalho da fotógrafa Marília de Laroche transita tanto pelos aparelhos institucionais, como o Salão de Artes, da qual foi ganhadora com as séries “Composição em Ocre” (2010), “Abstrato Urbano Digital” (2011) e “Catabolismo metabólico” (2013), quanto pelo uso das ruas de São Luís enquanto locais de exibição. Alguns trabalhos da fotógrafa são vistos em tapumes de obras de reforma de logradouros, sobretudo no âmbito do Centro Histórico da cidade. Laroche é mineira e mora em São Luís há alguns anos, após ter vivido 16 anos em Nice, França. Com o olhar estrangeiro, a fotojornalista, moradora do centro da cidade, fotografa o dia-a-dia com sua câmera compacta. De forma independente, a fotógrafa percorre a cidade registrando momentos e devolvendo-lhe suas impressões em forma de exposições espontâneas. Marília realiza retratos de conhecidos seus e anônimos, que, quando a reencontram, têm seus registros devolvidos impressos em formato de placas imantadas.

Os locais escolhidos por Laroche se situam na malha urbana da cidade, especificamente no centro -, locais onde há maior fluxo de transeuntes. Ao optar por expor na rua a céu aberto, o espaço produz diferentes sentidos e ressignifica a própria obra da artista, marcadamente caracterizada pela vida cotidiana de São Luís, a cuja mensagem está intrinsecamente ligada pela representação do próprio cotidiano da área central da cidade.

⁷ <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>

Ao colar fotografias de portas de casarões coloniais nos vãos em que deveriam estar as portas de acesso ao projeto de requalificação do prédio da RFFSA, Laroche chama a atenção para a metalinguagem: o contraste das cores da fotografia sobre o concreto cinza, além do ritmo das imagens alinhadas em que se sobressaem os azuis.



Figura 1 – Fotografia de Marília de Laroche no prédio da RFFSA

Autoria: Marília de Laroche

A praça da Faustina, situada na Praia Grande, encontra-se em reforma, cercada por tapumes pretos. A praça é uma referência à Faustina, incentivadora do tambor de crioula que ocorria com certa frequência neste local. A praça era um ponto de referência da resistência do tambor de crioula espontâneo na Praia Grande. Dentro da praça fica uma pequena capela em homenagem a São Benedito, o padroeiro do tambor.



Figura 2 – Fotografia de Marília de Laroche tapume da Praça da Faustina

Autoria: Marília de Laroche

A ocupação dos tapumes pretos, que podem ser compreendidos como tarjas impeditivas de visão do acompanhamento das obras, atraem a atenção dos passantes para o local. O transeunte pára e observa as numerosas imagens de Laroche e também o entorno. As duas propostas de Marília de Laroche dialogam diretamente com os espaços que ocupam, propondo reflexões acerca do urbanismo e das construções da cidade. As imagens do tapume da Faustina são fotografias de calçadas de esquinas de ruas, expostas numa praça que se encontra na esquina de duas ruas. É o círculo cíclico da forma arredondada.

Um dado a ser apontado no que diz respeito às intervenções urbanas de Laroche são os eventuais prejuízos às suas obras expostas tanto pelas intempéries quanto por vandalismos, uma vez que as obras são expostas sem nenhum tipo de proteção específica, o que reforça o caráter de intervenção artística da cidade espontânea.

A proposta do movimento “Fotocupação – São Luís nas ruas” é a reunião de fotógrafos e admiradores da fotografia, sem frequência pré-definida, em locais da cidade, com o intuito de montar exposição coletiva por meio de varal fotográfico.

O Fotocupação, movimento em prol da ocupação dos lugares públicos de São Luís, surgiu da ideia de trazer arte e agregar não só a fotografia, mas também aquarelas, grafites, circo, brechó, entre outras iniciativas. O movimento utiliza página (comunidade) do *Facebook* intitulada “Fotocupação – São Luís na rua” para difusão dos eventos, que não têm frequência estabelecida. A descrição na página da rede social define o intuito do movimento: “O Fotocupação - São Luís na rua” é uma iniciativa com intuito de unir fotógrafos e amantes da fotografia da Ilha (São Luís) em um ponto onde possamos compartilhar experiências e criar um vínculo de amizade maior entre nós”. Sempre marcado pelo varal fotográfico, o movimento se organiza por meio das redes sociais, com divulgações na *fanpage* “Fotografia Maranhão”, que funciona como elo de conexão entre os interessados. Organizado pelos fotógrafos Julyane Galvão e Ruy Barros, já foram realizadas 8 edições e a comunidade online conta com 640 membros⁸.

O rumo que a fotografia toma hoje se contamina com outros suportes e libera-se da imagem restritamente impressa e exposta em paredes. A fotografia dialoga com espaços públicos, ressignificando a paisagem urbana.



Figura 3 – Fotografia de autores diversos. Movimento Fotocupação

Autoria: Julyane Galvão

⁸ Dado aferido em 11 de novembro de 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia hoje permite a muitas pessoas a realização de registros dos mais corriqueiros aos mais elaborados. A legitimação da fotografia já extrapolou as exigências técnicas, como comprovado por fotógrafos que optam por aparelhos mais simples, em detrimento dos caros aparelhos sofisticados, em busca de segurança, versatilidade e contornos estéticos. A popularização da fotografia cresce a cada dia com o volume contínuo do fluxo da imagem digital.

A fotografia rompe as barreiras dos espaços sejam eles físicos, públicos ou privados. A arte urbana têm caráter fortemente crítico e questionador dos usos dos lugares citadinos.

Os trabalhos de Laroche aqui apresentados são imagens da cidade na fotografia da cidade. Denotam os descasos políticos, o abandono do Centro Histórico e, graças às estratégias de utilização de locais públicos, conseguiram atrair a atenção dos moradores de São Luís para o não esquecimento desses lugares. Já o “Fotocupação - São Luís na rua” busca atrair público para frequentar a cidade, agregando outros elementos, como o movimento Circo na rua, brechós e empreendedores menores de outros segmentos, como os *foodbikes*. São eventos que democratizam o acesso à produção fotográfica, além de proporcionar a troca e a interação em locais de uso comum, como as praças.

As intervenções urbanas que se utilizam da fotografia como elemento central da exposição traduzem a necessidade de comunicar por meio das imagens mensagens que dizem respeito não só às reflexões sociais, mas também aos usos dos espaços da urbe, assim como a reflexão sobre o esquecimento da cidade. Em São Luís observa-se que o uso da intervenção com a fotografia tem caráter denunciatório do abandono do Centro Histórico, reforçado não só pelas imagens metalinguísticas realizadas por Laroche, mas ainda pelo uso do lugar público no centro da cidade por meio da Fotocupação.

REFERÊNCIAS

KOSSOY, B. (2016). *Realidades e ficções na trama*. São Paulo: Ateliê Editorial.

WEBGRAFIA

Capela de São Benedito será inaugurada na Praça da Faustina. Disponível em:

<http://imirante.com/sao-luis/noticias/2013/05/10/capela-de-sao-benedito-sera-inaugurada-na-praca-da-faustina.shtml>. Consultado em: 18 de nov. 2016.

CHOU, J. W. T., & ANDRADE, J. R. L. Intervenção urbana e patrimônio cultural.

Disponível em: <http://www.obsturpr.ufpr.br/artigos/planurb12.pdf> Consultado em: 17 de nov. 2016.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/34>. Consultado em: 17 de nov. 2016.

Foto-ocupação – São Luís nas ruas. Disponível em:

<https://www.facebook.com/FotocupacaoSLZnaRua/> Consultado em: 11 de novembro de 2016.

Novo espaço para fotografia. Disponível em:

<http://imirante.com/oestadoma/online/12122013/pdf/A01.PDF> Consultado em: 11 de nov. de 2016.

Prédio da antiga RFFSA de São Luís será restaurado. Disponível em:

<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/08/predio-da-antiga-rffsa-de-sao-luis-sera-restaurado.html>. Consultado em: 17 de nov. de 2016.

Profissionais expõem fotografias documentais em São Luís. Disponível em:

<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/12/profissionais-de-variados-estados-expoem-fotografias-documentais.html> . Consultado em: 11 nov. 2016.